

# Apoio para quem quer estudar

Fotos: Davi Zocoli

**A Casa do Estudante Nipo-Brasileiro**, na 611 Norte, recebe jovens de todas as partes do Brasil e até do exterior

Eles são de São Paulo, Goiânia, São Luís e até de pontos mais distantes, como o estado de Rondônia. Vêm em busca de algo tão básico, quanto fundamental: educação. Acabam encontrando um pouco mais, como boas amizades e um ambiente alegre e descontraído. Na Associação Casa do Estudante Nipo-Brasileiro de Brasília, localizada na 611 Norte, logo abaixo da 410/411, moram 35 estudantes, com idades entre 17 e 24 anos, que têm ali a estrutura necessária para estudar.

Tatsuo e Myuki Nagata administram, há cinco anos, a casa, montada pela associação. “Aqui, a gente abriga estudantes que vêm de outros estados.

Quando tem vaga, a gente recebe o pessoal do Entorno que estuda na Universidade de Brasília”, explica Tatsuo. A única condição, segundo ele, é ser estudante. Não há necessidade, ao contrário do que possa parecer, de ser de origem japonesa.

Os jovens, na maioria estudantes da UnB, pagam uma pequena taxa administrativa, mas Tatsuo explica que algumas vezes o dinheiro é insuficiente. Nessas horas eles recorrem às rifas e eventos para arrecadar fundos e cobrir as despesas da casa. “Aqui, o ambiente é muito bom. Todos se entendem, saem juntos em grupos e a gente se sente jovem também. Além disso, nunca estamos sozinhos”, analisa Myuki.

No mesmo espaço – na parte de trás do terreno – funciona a Escola Modelo de Língua Japonesa. Além do ensino da língua, a escola oferece cursos de ikebana, bonsai, cultura e caligrafia japonesas e origami (dobradura de papéis).

Márcio Mikami, de 15 anos, está na escola há quatro anos, mas fala o japonês há muito mais tempo. Bisneto de japone-



**Casa do Estudante Nipo-Brasileiro:** pessoas de outros estados, de origem japonesa ou não

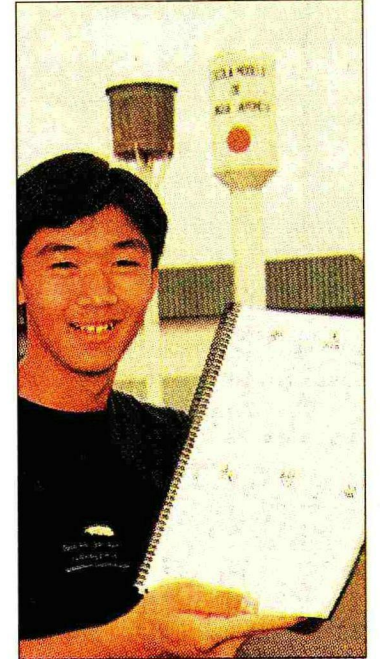
ses, Márcio, na verdade, primeiro aprendeu a língua de seus bisavós e só depois o português. “Apesar de já falar, resolvi estudar para ficar mais forte e, quem sabe, mais tarde fazer um curso de mecatrônica no Japão”, afirma o rapaz, que acha importante preservar as raízes. “Pretendo incentivar

nos meus filhos também esse vínculo com o Japão”, diz ele.

As professoras Yada e Shimodaira contam que 60% dos alunos são brasileiros que nunca tiveram qualquer contato com a língua. São pessoas que têm, como Márcio, a pretensão de conseguir uma bolsa e estudar no Japão ou que procuram

melhores oportunidades de emprego.

O curso completo chega a sete anos e meio, sendo dois anos para o básico, dois anos e meio para o intermediário e mais três anos para o avançado. O japonês, as professoras admitem, não é uma língua fácil, mas elas garantem que mesmo quem



**Márcio:** curso no Japão

nunca teve qualquer contato anterior com o idioma pode aprender bem. É preciso, apenas, destacam, ter um objetivo.

## NELZA CRISTINA

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA

## Serviço:

Casa do Estudante Nipo-Brasileiro – 347-0228; Escola Modelo de Língua Japonesa – 347-1214